

Elementos espirituais em licenciaturas indígenas: contribuições para a espiritualidade na educação escolar¹

Spiritual elements in indigenous undergraduate courses for training teachers:
contributions to spirituality in school education

*Beatriz Osorio Stumpf**

*Ana Luisa Teixeira de Menezes***



<https://doi.org/10.29327/256659.13.1-1>

Resumo: o artigo traz considerações no sentido de contribuir para reflexões sobre espiritualidade na educação escolar, tendo como base a identificação da presença de elementos espirituais em licenciaturas indígenas, a partir de pesquisa de doutorado. O texto reúne constatações da investigação em diálogo com outros autores, principalmente o filósofo argentino Rodolfo Kusch. A metodologia segue duas abordagens complementares: etnografia e cartografia. Reflexões ressaltam a relevância dos saberes e práticas de povos originários, com seus componentes afetivos, simbólicos, ritualísticos, artísticos e comunitários. Esses elementos apresentam potencialidades de serem trazidos para a educação escolar, por meio de espaços vivenciais, dialógicos e reflexivos, provocando expressões através de diversas linguagens artísticas.

Palavras-chave: Espiritualidade; Licenciaturas indígenas; Educação escolar.

Abstract: the paper brings considerations in the sense of contributing to reflections on spirituality in school education, based on the identification of the presence of spiritual elements in indigenous undergraduate courses for training teachers, from a doctoral research. The text gathers research findings in dialogue with other authors, mainly the Argentine philosopher Rodolfo Kusch. The methodology follows two complementary approaches: ethnography and cartography. Reflections highlight the relevance of the knowledge and practices of indigenous people, with their affective, symbolic, ritualistic, artistic and community components. These elements have the potential to be brought to school education, through experiential, dialogical and reflective spaces, generating expressions through different artistic languages.

Keywords: Spirituality; Indigenous undergraduate courses for training teachers; Schooling education.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: beatriz.osoriestumpf@yahoo.com.br

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: luisa@unisc.br

Introdução

Este artigo traz considerações no sentido de contribuir para reflexões sobre espiritualidade na educação escolar, tendo como base a identificação da presença de elementos espirituais em licenciaturas indígenas, a partir de uma pesquisa de doutorado sobre potenciais e desafios dessas experiências na América Latina.

Licenciaturas indígenas são programas de formação docente em nível superior, específicos para representantes de povos ameríndios, desenvolvidos em diversos formatos e configurações de relações entre o movimento indígena e outras instituições. No caso desse estudo, se refere a programas diferenciados realizados por meio de instituições de ensino superior convencionais.

O texto reúne elementos percebidos através de observações de atividades, escutas, conversações e leituras de propostas pedagógicas, em diálogo com outros autores, tendo como principal fundamento o pensamento do filósofo argentino Rodolfo Kusch, o qual trabalhou e conviveu com povos indígenas das etnias quéchua e aimará.

A partir desse conjunto dialógico, por meio de aprendizagens com visões, conhecimentos e experiências espirituais ameríndias que estão sendo trazidas para as licenciaturas, são pensadas concepções e práticas pedagógicas que possam contribuir para outros modos de pensar e vivenciar a espiritualidade em instituições escolares.

Metodologia

O sistema metodológico utilizado na pesquisa tem como base a sensibilidade ética, estética e afetiva, contemplando a complementaridade entre duas abordagens: a etnografia e a cartografia.

A etnografia foi escolhida principalmente pela importância de uma visão de respeito e valorização de diferentes formas de perceber a realidade. Conforme a concepção de Spradley (1979), essa perspectiva é considerada como o aprender da gente, a partir de olhares que emergem no encontro com o outro nas circunstâncias imponderáveis da vida cotidiana, com a descrição de sua cultura e ponto de vista. É ressaltada a relevância do trabalho de campo intensivo, com observa-

ções e escutas detalhadas; bem como a descrição densa e reflexiva, com uso de diários de campo.

A opção pela visão cartográfica também foi necessária, diante da impossibilidade de delimitar anteriormente passos fixos a serem seguidos, e da dificuldade de manter um acompanhamento isento de interações e participações mais ativas, na intenção de contribuir com as demandas que emergem nos processos. De acordo com Pozzana (2014), o transcurso dessa abordagem se dá na integração entre conhecer, agir e criar, na abertura e sensibilidade para o momento presente, pois não há uma realidade pronta e permanente, sendo o conhecimento construído de forma processual e interativa, na coemergência entre pesquisador e pesquisa.

Com esses princípios metodológicos, foi realizado o acompanhamento de licenciaturas indígenas do Brasil e da Colômbia, utilizando um conjunto de estratégias, incluindo observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas não estruturadas, leitura e análise de documentos. A observação participante foi realizada ao longo do ano de 2020, abrangendo atividades diversas que estavam sendo desenvolvidas por esses cursos, como aulas teóricas e práticas, reuniões, seminários, eventos científicos, culturais e ritualísticos.

Para este artigo foram considerados os seguintes programas: Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG); Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual do Alagoas (UNEAL); e Licenciatura em Pedagogia de la Madre Tierra (LPMT) da Facultad de Educación da Universidad de Antioquia (UdeA), Medellín/Colômbia.

Os interlocutores do estudo constituem professores/as das licenciaturas (indígenas e não indígenas), estudantes e lideranças. Neste artigo são citados trechos de entrevistas semiestruturadas realizadas com os/as educadores/as Abadio Green Stocel, Miguel Monsalve Gómez e Ruth Virginia Castaño Carvajal, da LPMT. São descritas observações a partir do acompanhamento de aula do professor indígena Gelson Pastana, da UNIFAP. Foram incluídos excertos do texto memorial escrito por Daniel Kuaray, acadêmico da turma de 2016 da licenciatura da UFSC. Também foi acrescentada uma fala do estudante Darci da Silva, dessa

mesma turma, proferida durante ritual realizado na universidade e descrita no diário de campo da pesquisadora.

A espiritualidade e o pensamento ameríndio

A espiritualidade é abordada por diversas tradições, em todas as regiões do planeta, desde tempos remotos, sendo constituinte da humanidade e podendo ser considerada como um princípio essencial para a condição humana. O reconhecimento de uma essência espiritual oferece um sentido fundamental para a vida, através da percepção de que não somos somente matéria que nasce, deteriora e morre, mas sim seres com uma origem e constituição proveniente de uma unidade que abrange todos os seres e elementos da natureza. Essa percepção é significativa para a relação social e ecológica, por meio do sentimento de amor, irmandade e acolhimento.

Nesse sentido, Maturana e Rezepka (2000) ressaltam que ética e espiritualidade andam juntas. A experiência espiritual faz a ampliação da consciência de pertencimento que inclui tudo (é cósmica) e permite ver a interconexão de todos os elementos desse todo (é ecológica).

Essa dimensão é muito forte e vívida na cultura indígena, sendo trazida desde sua ancestralidade e estando presente, de diferentes formas, em seus modos de vida cotidianos. A espiritualidade ameríndia é explicada por Guerrero Arias (2010) como a dimensão holística e integradora que constitui a organização cósmica, tornando possível a compreensão de sermos partícipes de um cosmos vivo, bem como o sentimento da fragilidade planetária, com o questionamento do sentido de nossa existência e de como podemos intervir positivamente no mundo. Essa concepção possibilita que o ser humano não se sinta separado, mas sim um microcosmo da totalidade, integrado nesse tecido cósmico, onde o sentido se faz na relação com todos os seres do reino animal, vegetal e mineral. É considerada como um caminho para a libertação interior, um modo de elaboração de sentido na vida, na construção de formas de sentir, pensar, se comunicar e se relacionar com outros seres humanos e não humanos, com os quais se compartilha o tecido da existência.

Com essa concepção, a espiritualidade pode ser vista como o coração da cultura indígena, de onde são integradas todas as outras dimensões da vida comunitária, como a organização social, a economia, a educação, a saúde e a polí-

tica. Assim se pode ver a dimensão política integrada com a ancestralidade, a qual está profundamente intrincada com um saber espiritual e ecológico.

Guerrero Arias (2011), através do trabalho com o povo Kitu Kara, dos Andes equatorianos, salienta a importância da consideração dessa dimensão política da espiritualidade, bem como da condução de uma concepção espiritual na política, constituindo uma visão integral da vida. A dimensão política da espiritualidade oferece sensibilidade e força para o comprometimento com causas coletivas de transformação da realidade, na transcendência do individual para o todo, para a vida, a natureza e o coletivo, com sentimento. E a espiritualidade na política não gera somente transformações estruturais, mas mudanças profundas nas subjetividades, internas e existenciais.

Diante das condições históricas e contemporâneas da humanidade, há evidência das consequências geradas pelo distanciamento desse tipo de concepção espiritual, como direcionamento da existência humana para a satisfação de desejos físicos, a aquisição de objetos e bens materiais, a competição e a busca de vencer a qualquer custo. Essa condição é constantemente alimentada pela racionalidade positivista moderna, a qual conforma a educação universitária e escolar, além dos mecanismos de manipulação através de meios de comunicação e mídias sociais. Essa corrida motivada por infinita ambição gera um vazio existencial, algo que não pode ser suprido por nada material e nem mesmo por relações humanas.

O conhecimento e aprendizagem de cosmovisões, saberes e modos de vida indígenas, bem como de suas práticas pedagógicas, pode colaborar com a construção de outras concepções e vivências espirituais para nossas escolas e universidades, por meio da ampliação da visão individualista e competitiva para a concepção da integração e da reciprocidade.

A espiritualidade em Licenciaturas Indígenas

A espiritualidade aparece de diferentes formas nas licenciaturas pesquisadas, em suas propostas e experiências pedagógicas, desde a concepção dos cursos, princípios, métodos, atividades, estágios e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), trazendo diferentes noções de pesquisa, ensino, espaços e tempos de aprendizagem, formas de expressão, elaboração e apresentação de trabalhos.

A visão e a vivência espiritual constituem a base de programas como o da Licenciatura em Pedagogia de la Madre Tierra (LPMT), da Universidad de Antioquia (UdeA), Medellín/Colômbia, aparecendo na sua proposta pedagógica (Documento Maestro) e nas falas de membros de sua equipe, como pode ser verificado nessas palavras do professor Abadio Green, coordenador do programa de educação indígena da UdeA e docente dessa licenciatura:

o programa tem que ser a partir da espiritualidade dos povos indígenas e da sua forma da vida, porque ensinam que tudo tem vida espiritual, as árvores são avós; as plantas, a água, o vento, o fogo, foram os primeiros que nasceram. Como seres humanos podemos amar, transcender esse ser que é a nossa vida mesma, dar reverência à árvore, que me dá oxigênio, comida, medicina (STOCEL, 2020).

No Documento Maestro da LPMT a espiritualidade é vista como essencial na revitalização da relação com a Terra e com o cosmos. São utilizadas estratégias pedagógicas que favorecem esse encontro, desde rituais e cerimônias ancestrais até configurações contemporâneas de sincretismo cultural. Ocorre uma conexão profunda entre razão, emoção e ação, com estratégias pedagógicas que proporcionam o desenvolvimento integrado do ser, saber e saber fazer, sempre em movimento, a partir da relação com a própria pessoa, com o outro e com a Mãe Terra, na abordagem do bem viver. O fazer está mais ligado com a construção coletiva do que individual, sendo orientado para a busca do bem comum. São pesquisadas e desenvolvidas práticas pedagógicas de diversos povos do país e do mundo, como histórias de origem, autobiografias, cartografias, círculos da palavra, rituais, cesta de jogos, oficinas e jogos teatrais (Universidade de Antioquia, 2018).

A professora Ruth Carvajal se referiu a vários componentes dessa abordagem, incluindo o trabalho com os sonhos e outras concepções de tempo e espaço:

são trazidos novos elementos, como o sonho. Perguntar desde o sonho, perguntar pelo tempo. Para nós são os calendários, para eles os ciclos. Formas próprias de nomear. Relação com seres da natureza. Como concebem o tempo-espaço (CARVAJAL, 2020).

Na licenciatura da UFSC, conforme seu projeto pedagógico, o programa se dedica ao desenvolvimento de um trabalho que tem a interdisciplinaridade como um dos princípios, a partir da transversalidade e do diálogo entre as áreas de conhecimento e uma aproximação aos sistemas de aprendizagem da educação

tradicional indígena. Com esse direcionamento, as disciplinas relacionadas com Projetos de Pesquisa, por exemplo, proporcionam o seguimento em diversas direções, mantendo dois princípios principais: a relevância da oralidade e a visão holística, enquanto forma de compressão da profunda imbricação de conhecimentos. Essa proposta contempla estudos antropológicos para uma maior compreensão dos sistemas ameríndios de aprendizagem, como ritos de iniciação e nomeação, noções de pessoa, aprendizagem por meio dos sonhos, uso sagrado de plantas maestras, aprendizagem “incorporada”, transmissão oral de mitos e o silêncio como fonte de conhecimento, com saberes que se fundamentam em símbolos, gestos e imagens (Universidade Federal de Santa Catarina, 2015).

Na UNIFAP, também foram observados elementos espirituais em diversos aspectos e situações, nas falas de estudantes e professores/as, atividades culturais e científicas, produção de materiais, como textos, desenhos, mapas, filmes e jogos; principalmente de forma integrada a saberes ecológicos, conhecimentos sobre os territórios e pesquisas sobre saberes das pessoas mais velhas das aldeias, as quais são consideradas como sábias.

O pensamento seminal nas licenciaturas indígenas

Kusch (2007) elabora uma profunda caracterização das diferenças entre o pensamento ocidental e o ameríndio. Sua pesquisa sobre acultura indígena, considerada sob o ângulo de comparação com o pensamento ocidental, mostra aspectos perversos de nossa concepção de mundo. O autor desenvolve uma reflexão com base no pensamento popular americano e sua oscilação entre o pensamento científico e a subjetividade, denominando o pensamento ocidental como causal e o indígena como seminal.

Conforme Kusch (2007), o saber ocidental (causal) é obtido por meio de uma rigidez que oculta a subjetividade, constituindo uma objetividade rigorosa com a qual os indivíduos se expandem sobre o mundo, visto como uma realidade povoada de objetos, agindo para sua manipulação. O conhecimento ocidental tem um estilo centrípeto, buscando um centro fora, o qual nunca pode ser encontrado. A solução é vista externamente, tentando transformar a realidade com a utilização de ferramentas, em um pensamento de individualidade e de valorização comercial de objetos, que gera comportamentos altamente destrutivos para a natureza e as relações humanas.

Por outro lado, o pensamento indígena é descrito por Kusch (2007) como seminal, em um sentido de semente, germinação, origem. Um modo de pensar que não se assenta nas causas, mas nas modalidades, não constituindo um saber do porquê, mas do como. Essa sabedoria representa uma postura de abertura diante do mundo, não o vendo como uma concentração de objetos, mas de acontecimentos. Desse modo, a solução indígena é interior e contemplativa, proveniente do encontro em si mesmo e conformando uma sabedoria orientada para a vida, em um mero estar cotidiano integrado ao seu ambiente, na aspiração pelo absoluto.

Essa explicação kuschiana elucidada que no pensamento indígena há uma primazia do sentimento, pois a realidade é sentida em um nível afetivo antes de ser vista. A percepção da realidade através do sentir possibilita a presença forte da afetividade, que no pensamento ocidental tem um tom pejorativo. Abordando aspectos linguísticos, o autor exemplifica a existência de termos que expressam decisões inteligentes usando a palavra coração, como órgão que atua na regulação intuitiva do juízo.

De acordo com Guerrero Arias (2010, p. 116), “não somos somente seres racionais, mas também sensibilidades atuantes”. O ser humano ancestral teceu a vida a partir do coração e, de acordo com as sabedorias originárias, a existência humana não se fundamenta na capacidade de pensar, mas de amar, sendo necessário recuperar a sensibilidade para retomar o coração como princípio do humano, sem abdicar da razão. No sentido de remover a supremacia da razão, Guerrero Arias propõe o “*corazonar*” como contestação política para a imposição colonial e globalizada de modos de viver, saber e ser; bem como para colaborar na elaboração de propostas acadêmicas que contemplem outros sentidos existenciais, revelando que o ser humano é constituído pela integração entre razão e afetividade.

A conexão com o coração é muito viva na LPMT, sendo constituinte desde seus fundamentos e sua história, possibilitando uma maior articulação entre pensamento, sentimento e ação.

A educação deve ser desde o amor, desde o coração, desde o corazonar como diz nosso irmão Patrício Guerrero no Equador. Não estamos dizendo que a razão não é importante. Tem que ligar, tecer novamente isso, porque teve uma ruptura, esse tecido que havia o cortaram, para pensar somente desde o cérebro. O cérebro

também é pura poesia, puro sentimento, porque tem dentro do cérebro a racionalidade e toda a parte do sensível. Então esse cérebro que tem o sentido e a razão, também é alimentado desde o coração, que é protegido desde o amor (STOCEL, 2020).

Kusch (2007) ressalta igualmente a essencialidade do simbólico, que torna possível alcançar sabedorias sobre uma totalidade que não pode ser acessada através do pensamento racional e explicativo. Os simbolismos estão presentes no cotidiano indígena, em seus mitos, sonhos e metáforas, trazendo ligações com arquétipos da dimensão espiritual, com significados de grande profundidade e complexidade.

Algumas pinturas ameríndias registradas nas paredes da UFSC e da UNIFAP, através de estudantes das Licenciaturas Indígenas, mostram uma diversidade de símbolos que permeiam a sabedoria e a vida das várias etnias representadas. O estudante da turma de 2016 da UFSC, Daniel Kuaray, escreveu um memorial referente às intervenções artísticas realizadas nas paredes de algumas salas e do alojamento da UFSC, descrevendo símbolos essenciais da cultura mbya guarani e seus significados. O texto revela essa riqueza simbólica, com muitos dos seus detalhes que poderiam passar despercebidos por quem não a conhece.

São trazidos aqui alguns exemplos:

o grafismo representa a geometria divina, mostrando o elo entre o Ser Guarani, a mãe Terra e as divindades celestiais. O grafismo feito no chocalho *Mbaraka Mirim* significa as quatro direções sagradas e também a vida” (KUARAY, 2020).

o cocar representa a força espiritual, a luta pela terra, a diversidade dos dialetos Guarani, das vozes, dos cantos entoados no *OPY*, na luta pelo reconhecimento do nosso território, da nossa *Yvyrupa*. Representa o caminhar junto, a resistência e a busca pelo autoconhecimento, o choro dos nossos anciões e a força das divindades. É uma mistura de sentimentos que fortalecem sempre quando os Guarani e os outros povos indígenas utilizam o cocar (KUARAY, 2020).



Fotografia: Hugo Karai

Kusch (2007) acrescenta a relevância do ritualismo na cultura ameríndia, sendo que a tradição ritualizada está relacionada com o sentimento de totalidade. Por meio de cerimônias e rituais são mantidas e fortalecidas as raízes ancestrais, possibilitando a continuidade da afirmação cultural e identitária.

Daniel Kuaray também traz em seu memorial exemplos de algumas práticas cerimoniais e seus significados ritualísticos e simbólicos:

Mbaraka mirim é um instrumento tocado quando o Ser Guarani toca, canta e dança, louvando a *Nhanderu*. O som faz com que fiquemos concentrados, meditando aos seres divinos. O milho representa a fertilidade e a relação do Ser Guarani com a própria mãe Terra. Na cultura Guarani existem muitas narrativas da criação do milho, fazemos muitos rituais e cerimônias sagradas agradecendo a boa colheita (KUARAY, 2020).

A presença da ritualidade foi observada em diversas circunstâncias nas licenciaturas, acompanhando ou intercalando atividades teóricas e práticas. Mesmo em atividades realizadas na modalidade de ensino remoto, como mostram as palavras pronunciadas em ritual conduzido pelo professor Abadio Green e sua fala proferida durante o início do curso “Los principios pedagógicos de la Madre Tierra”, pedindo permissão aos ancestrais indígenas e a todos os seres da natureza e do Cosmos, para desenvolver a palestra:

peço primeiro permissão a todos avuelos e avuelas que estão acima, no cosmos (por que para nós, povos indígenas, as estrelas, planetas, lua, arco-íris, trovão, ventos, são nossos pais, mães, irmãos, irmãs, avós), para que a conversa possa sair do coração e que tudo o que expressemos saia do coração. Assim mesmo, peço a todos os trabalhadores da terra, que estão trabalhando, o ouro, o cobre, a prata, porque todos são essências, tecidos da Madre Tierra. Todos os morros são sagrados para nossos povos. Todas as lagoas e os rios são sagrados para nós. Peço permissão, para que nos permitam conversar. Agora, para que nós nos conectemos, unimos nossa mão direita ao coração e a esquerda com o umbigo,

para sentir que a terra é viva, que é nossa mãe, e que todos os elementos que estão no meu coração, no meu corpo, são presença inapagável e memória da Mãe Terra. Fomos criados à imagem e semelhança da Mãe Terra, assim como ela também esteve no ventre de sua mãe e tem todos os tecidos que eu tenho. Estou agradecendo infinitamente por que nós somos parte muito importante da Mãe Terra. E agora a mão direita aponta para cima, no cosmos. E a esquerda olhando para a Terra, para que possamos ter a energia do Cosmos e da Terra. Porque a Terra dança nesse espaço do universo, do pluriverso, e não está só, está acompanhada dos planetas. Tudo o que está acima tem muito a ver com a maternidade da Terra. A mão que está cheia de energia ponho na cabeça para que eu, como ser humano, parte da Terra e do Cosmos, possa sentir essa energia que me chama, que me completa, que vibra em meu corpo. Mil graças Mãe Terra, cosmos, avuelos e avuelas, e para que estejam conosco, para que quando eu fale, não fale eu e sim vocês possam falar (STOCEL, 2020).

E o professor Abadio terminou sua fala no curso agradecendo aos seres espirituais:

por isso damos ênfase à pedagogia da Mãe Terra. É como escutar a Mãe Terra. E eu creio que estamos chamando toda a humanidade a escutar a Mãe Terra. Antes de terminar temos que agradecer aos espíritos que nos escutam. A respiração é fundamental (STOCEL, 2020).

A professora Ruth Carvajal, da LPMT, mostrou a profundidade e a intensidade da aprendizagem da equipe com esses saberes e vivências procedentes dos povos originários, envolvendo um conjunto de povos indígenas de diversas etnias e regiões, com suas ritualidades, simbolismos, mitologias, sonhos, sentimentos, relação com a natureza e conexão espiritual. Suas palavras a seguir expõem brevemente a riqueza dessa aprendizagem:

todos os povos originários e culturas ancestrais são ligados à relação cósmica, aos equinócios, solstícios, fases da lua, conexão com ventos chuvas, temperaturas, com o lugar que habito, de acordo com o nível do mar. Falam de todas as dimensões cósmicas. No equinócio de março, saudando a terra, aos territórios específicos e povos de norte, sul, leste, oeste, acima, abaixo e no centro do coração. As ervas estão sempre presentes, seu uso medicinal junto com a ritualidade. Todos os povos originários têm relação com o sol, estrelas, lua, movimento. No Equador, a *chakana*. Agora vamos para a quarta turma, vêm os maias. Vamos confabulando e construindo com eles. Aprendendo com seus rituais. Aprendemos com as plantas. Elas nos autorizam. Aprendemos a pedir permissão a esse território, aos seres espirituais, espíritos ancestrais que acompanham, e depois fechando, finalizando, se despedindo, agradecendo (CARVAJAL, 2020).

A espiritualidade, na sua dimensão ritualística, está também presente na Licenciatura da UFSC, em variados formatos, como em aulas nos pátios da uni-

versidade, de forma integrada à natureza, incluindo cantos, narrativas e outros elementos da cultura indígena, como o *petyngua*, cachimbo guarani. Além disso, com rituais conduzidos por lideranças espirituais indígenas de diferentes etnias. Pode ser destacada a seguir a fala de Darci da Silva, liderança e estudante da licenciatura, ao iniciar a tradução da fala do *xeramõimbya* (liderança espiritual), durante um ritual realizado na universidade, aberto ao público:

o *xeramõi* começou com uma oração pedindo a *nhanderu* pra abençoar esse lugar e a vida das pessoas e a chegada nova de todo mundo. E agradeceu a todos. Também fez um benzimento. Em seguida ele disse que o conhecimento existe e vem de varias formas, como o conhecimento *juruá*, não indígena, e a sabedoria cultural de cada povo que é importante. E pediu aos alunos para conhecerem esse lado do conhecimento não indígena, mas que nunca deixem de também conhecer o próprio conhecimento do seu povo. Finalizando ele disse pra todos os alunos a importância de todos os conhecimentos e idiomas, e que *nhanderu* compreende todos aqui. Por isso devemos ter muito respeito por cada um de nós (SILVA, 2020).

Em reunião da licenciatura da licenciatura da UNEAL, foi relatado sobre um ritual de iniciação que recomeçou em escola indígena, a partir de um trabalho desse curso, e que só ocorre nesse local. Buscando uma maior aproximação entre as famílias e a escola para o fortalecimento da relação de pertencimento indígena, estudantes fizeram entrevistas com lideranças e outros membros da comunidade, para retomar conhecimentos sobre rituais. Na licenciatura da UFG, também houve o relato de um estudante sobre ritual que voltou a ser realizado em sua aldeia, após muitos anos de ausência e quase esquecimento, a partir do trabalho escolar, fruto das atividades da licenciatura, e que esse e outros rituais comporiam o tema do seu TCC.

Além da relevância das cerimônias e rituais, o uso sagrado de plantas foi ressaltado pelo professor Abadio Green, da LPMT:

o conhecimento da Mãe Terra está no conhecimento local de nossos avós. Cada cultura tem cerimônias milenares. Se olharmos ao longo de toda a América tem as cerimônias do tabaco, temascal, peyote, fogo, cacau, folha de coca. Começamos a buscar essas plantas e viver essas cerimônias para poder escutar também desde a planta e a cerimônia o que nos dizem, o que opinam sobre o que estamos fazendo (STOCEL, 2020).

Fróes (1977) aborda o conhecimento indígena do poder curativo das plantas como outro tipo de ciência, muito antiga, a qual difere dos princípios, da lógica e dos cinco sentidos convencionais, conduzindo a estados alterados de consci-

ência. Na medicina indígena as doenças do corpo e da alma estão intimamente ligadas e muitas vezes a doença ocorre por uma desarmonia da pessoa com a realidade espiritual.

Kusch (2012, p. 212) traz ainda a essencialidade da sabedoria mítica para a espiritualidade e a continuidade da cultura dos povos indígenas, sendo que “O tema do mito, o do inconsciente, o da antimatéria, o do nada respondem a uma crise do mundo ocidental, na medida em que ele nadou, sempre no meio do ser e deixou o todo para trás”.

Nesse sentido, o professor Miguel Monsalve lembrou sobre a importância da revitalização dos mitos e das histórias de origem, a qual é proporcionada pela LPMT:

voltar a percorrer o caminho dos ancestrais. Cada estudante que ingressa primeiro tem que voltar a conversar com os mais velhos da comunidade, para recolher sabedorias ancestrais e histórias de origem. Desde o coração da cultura indígena, como recolher essa sabedoria? É uma condição pra entrar. Cada um que participa da licenciatura tem que voltar ao caminho dos ancestrais e aprofundar as histórias dos nossos antepassados. Voltar a nossas raízes, tocar cada raizinha, cada um de sua forma. Todos estamos dotados de um olhar para nossa raiz, a origem de nossa natureza. Para a comunidade, raiz de sua sabedoria, tem um efeito que vai além da licenciatura (GÓMEZ, 2020).

Para Campbell (2014), “mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”. A mitologia é uma imagem poética supranormal, concebida em profundidade, mas suscetível à interpretação em vários níveis. As mentes mais superficiais veem nela o cenário local; as mais profundas o primeiro plano da vacuidade, e entre esses extremos estão todos os estágios do caminho do ser local para o universal.

No seminário “Visión Indígena de Rodolfo Kusch en América Profunda”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2019, o professor peruano Mario MejíaHuamán, da Universidad Ricardo Palma (URP)/Lima, abordou sobre a existência de uma racionalidade mítica, pois o mito apresenta uma explicação com o nível de lógica. Os idiomas possuem sua própria lógica, de modo que muitas interpretações equivocadas são feitas devido ao fato da língua não ser conhecida. Cada povo tem suas histórias, as quais são contadas muitas vezes e mantidas ao longo das gerações. A narração desses mitos mantém a unidade em cada comunidade e em cada povo, seguindo a lógica do coração.

Por exemplo, Moura (2021) explica que a mitologia kaingang é narrada para as crianças através de histórias contadas pelos avós antes de dormir, sendo assim transmitida de geração em geração, com grande profundidade, possibilitando que cada indivíduo leve esse conhecimento para toda a sua vida. Dessa narrativa nasce e se mantém o respeito e o amor incondicional pelas oposições, a partir da profunda compreensão da complementaridade entre os opostos que formam um todo e geram o equilíbrio, sabendo que as características de uma metade complementam a outra e que uma não vive sem a outra.

Em algumas atividades das licenciaturas, como no ritual realizado na UFSC, também ficou evidente o quanto eles gostam de ouvir as narrativas míticas das outras etnias, verificando a existência de simbolismos e significados que se repetem entre os povos, apesar da diversidade.

Ainda conforme Kusch (2007), a arte constitui outro elemento fundamental para o pensamento indígena seminal, também estando relacionada com a espiritualidade, se manifestando de forma estética e integrada ao sentimento.

O texto de Daniel Kuaray explica sobre esse significado da arte para um povo indígena, trazendo a relação com muitos aspectos da sua filosofia e visão de mundo, incluindo a complexidade da conexão com a natureza e a espiritualidade:

a arte Guarani se manifesta através da educação corporal tradicional, essa educação vem por meio da observação da natureza, da cosmologia e espiritualidade da relação com as divindades sagradas. O *Mboraiejerojyi*, o canto-dança é uma das formas de interação com o sagrado. O grafismo representa a geometria divina, simbolizando o elo entre o Ser Guarani, a mãe Terra e as divindades celestiais. Toda essa arte não está separada, tudo faz parte de um mesmo ciclo, da filosofia ancestral, das palavras sagradas de um mesmo corpo, por isso a arte Guarani é tão importante, pois retrata nosso *Nhandereko*, nossa forma de viver e ver o mundo (KUARAY, 2020).

O professor Mario Mejía Huamán, durante o seminário “Visión Indígena de Rodolfo Kusch en América Profunda”, mostrou como os povos indígenas possuem uma visão estética do mundo. Em quéchua não há conceito de arte nem de cor, não existe a palavra arte porque tudo é arte, ela está em todos e em tudo, sendo o mundo visto em toda a sua beleza. A comunidade se aproxima da noção de arte através do estar, pois o estar é um movimento criador. A arte é vista como caminho para totalidade, sendo que o ser humano cria a arte e a arte o recria. A relevância artística também foi apresentada como elemento transformador social,

aportando a importância de incorporar a estética e a ética em todos os cursos, de modo que essa perspectiva possa contribuir para uma maior humanização da sociedade, na visão da política como sagrada, isto é, na conexão entre política e espiritualidade.

Essa conexão aparece, por exemplo, no trabalho do professor indígena Gelson Pastana, da UNIFAP, um egresso que concluiu a licenciatura em 2014, posteriormente fez especialização em Educação Especial e atualmente está no mestrado em linguística. Em sua disciplina, possibilitou o desencadeamento de trajetórias de reconexão entre arte, cultura e identidade, por meio de trabalhos de investigação, registro e apresentação em diversas linguagens artísticas, acerca de elementos culturais primordiais para cada etnia participante. As atividades provocaram manifestações com performances teatrais, contos, danças, músicas e cartazes com desenhos, pinturas e poemas, representando rituais, mitos, jogos e cerimônias das cinco etnias participantes.

Contribuições da espiritualidade indígena para a educação escolar

Para ilustrar a potência dessas contribuições não somente para a escola ameríndia, mas também para a educação não indígena, são apresentados inicialmente potenciais da presença do pensamento e da pedagogia dos povos originários em universidades, por meio das experiências das licenciaturas, com atividades abertas, parcerias entre departamentos e núcleos de pesquisa, aulas ao ar livre e modificação de espaços e tempos acadêmicos.

Foram observadas e relatadas mudanças em estratégias pedagógicas, métodos de ensino e de pesquisa, programas curriculares, eventos e formatos de apresentações de trabalhos, arquitetura e decoração de espaços. Mas a principal transformação revelada foi no clima acadêmico, com maior cooperação e união em prol de metas coletivas, além das vivências, rituais, representações simbólicas e apresentações culturais e artísticas. A inserção da espiritualidade na universidade constitui um aspecto essencial dessas contribuições, possibilitando e potencializando outros tipos de relações, diálogos, sentimentos e ideias. Uma parte do texto memorial do estudante guarani Daniel Kuaray é apresentada aqui para ilustrar essa potência da presença do sagrado no ambiente acadêmico:

o canto sagrado desenhado na sala de antropologia, em 2019: Essa intervenção na sala 110 da Antropologia fala da conexão entre o Ser Guarani e as divindades. O Ser Guarani sempre caminha

junto, procurando a terra sem males. As palavras sagradas demonstram a força do NHEE – da palavra, da alma. O *Mborai* é o canto que une essa vitalidade e expressão do Ser Guarani. Esse canto escrito na parede é traduzido como: vamos todos juntos subir até a terra celestial, vamos todos ver nosso pai e nossa mãe. O sentido dessas palavras cantadas, para quem é indígena Guarani, representa a força divina, a força dos anciões que partiram, representa a esperança e renovação. Essas palavras escritas pelos alunos da licenciatura demonstram a felicidade, a luta, a força que trazemos das nossas *tekoas* (aldeias) dos *xeramoí* e *xejaryikuery* (avós), por isso quando alguém entrar nessa sala sentirá toda espiritualidade trazida pelos alunos Guarani da Licenciatura Indígena da UFSC (KUARAY, 2020).

Essa marca da espiritualidade dos povos indígenas, introduzida na universidade, apresenta grande potencial de sensibilização e de transformação individual e coletiva do público que participa dessas instituições. Representa imensa potência de ruptura de padrões científicos e acadêmicos de separação entre material e espiritual, mente e coração, individual e coletivo. Significa revitalizar as raízes e a origem humana, com o real significado da vida e da relação com o cosmos. São abordagens que podem contribuir na formação de outros tipos de professores/as e profissionais de diferentes áreas, com outras perspectivas de mundo, motivados e capazes para refletir e agir nas transformações necessárias para a sociedade.

Esses/as educadores/as tendem a contribuir para outras formas de inserção da espiritualidade em escolas. Essa introdução de elementos espirituais escolares pode seguir a inspiração de exemplos das licenciaturas, por meio de profundas reflexões e vivências, trazendo o sentimento de amor, reciprocidade, simplicidade e cooperação. Com esse direcionamento, podem ser proporcionados espaços dialógicos, partilha de sonhos, narrativas de mitos, rituais e vivências comunitárias com elementos e seres da natureza, partilha de alimentos, círculos da palavra e expressão através de diversas linguagens artísticas, entre muitas outras ideias que podem ser construídas com professores/as e estudantes, de modo a proporcionar trocas afetivas, aprofundamentos de vínculos e mudanças de percepção com relação a significados da vida.

Considerações Finais

Perante a crise mundial multidimensional que afeta a humanidade, emerge a necessidade de se repensar os valores que vem sendo transmitidos nas escolas, nas quais é mantido um foco principal na formação para o mercado de traba-

lho. A dimensão espiritual pode ser vista como aspecto importante no sentido de proporcionar outras formas de ver e participar do mundo, indo além de uma visão puramente material, individual e de satisfação de desejos físicos.

Mas para uma abordagem espiritual que realmente faça sentido e que transcenda divisões religiosas, torna-se importante ampliar reflexões, modos de conceber e vivenciar a espiritualidade na escola, de modo não ligado a uma determinada religião, mas permitindo e incentivando a convivência e integração entre diferentes religiosidades, provindas de diferentes culturas e ancestralidades.

Através dessa pesquisa, é ressaltada a relevância dos saberes, cosmologias e modos de vida de povos originários, com seus componentes afetivos, simbólicos, ritualísticos, artísticos e comunitários. Esses elementos apresentam potencialidades de serem trazidos para a educação escolar, com reflexões e vivências que permitam o sentimento de participação e acolhimento em uma unidade mais ampla e profunda, constituída por todas as diversidades da vida.

Esse tipo de concepção pedagógica apresenta o potencial de colaborar com processos de autoconhecimento dos/as participantes, escuta intuitiva, aprendizagem mútua e expressão autêntica de pensamentos e sentimentos. Além disso, contribui para a interdisciplinaridade e a transversalidade de temas fundamentais como ética, ecologia e direitos humanos. Assim podem ser formadas pessoas com outros tipos de relação com a vida em sociedade e que possam contribuir com a construção de mais reciprocidade, cooperação e compaixão, na econômica, na política e nas diversas dimensões sociais, colaborando para a escuta e o diálogo entre diferentes pontos de vista, com a expressão de sentimentos verdadeiros e profundos.

Referências:

- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2014.
- CARVAJAL, Ruth Virginia Castaño. *Entrevista*. Medellín/CO, 2020.
- FRÓES, Vera; ROCHA, Antonio. **Alquimia vegetal**: como fazer sua farmácia caseira. Rio de Janeiro: Nova Era, 1977.
- GÓMEZ, Miguel Monsalve. **Entrevista**. Medellín/CO, 2020.
- GUERRERO ARIAS, Patricio. Corazonar desde lassabidurías insurgentes el sentido de la epistemologías dominantes para construir sentidos otros de la existencia.

a. *Sophia*, Colección de Filosofía de la Educación, Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 8, 2010. pp. 101-146.

GUERRERO ARIAS, Patricio. Corazón y dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. *Alteridad Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educación*. Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 10, 2011. pp. 21-39.

KUARAY, Daniel. **A arte Guarani como uma forma de resistência e resiliência na UFSC**. Florianópolis, 2020.

KUSCH, Rodolfo. **Obras completas**. Rosario: Editorial Fundación Ross, 2007.

KUSCH, Rodolfo. **El pensamiento indígena y popular en América y la negación del pensamiento popular**. Rosario: Fundación A. Ross, 2012.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. Trad. de Jaime Clasen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOURA, Onório Isaias de. *A mitologia Kaingang: a oposição e a complementaridade como um processo de educação intercultural e humanização*. Dissertação (Mestrado em Educação). Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia (org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. pp. 42-65.

SILVA, Darci da. **Diário de campo da pesquisadora**. Florianópolis, 2020.

SPRADLEY, James. **The Ethnographic Interview**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

STOCEL, Abadio Green. **Entrevista**. Medellín/CO, 2020.

UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA, FACULTAD DE EDUCACIÓN, PROGRAMA DE EDUCACIÓN INDÍGENA. **Documento Maestro del Programa Licenciatura en Pedagogía de la Madre Tierra**, Medellín, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA. **Projeto Político Pedagógico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (Guarani, Kaingang Laklãnô-Xokleng)**, Florianópolis, 2015.

¹⁰O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em 01/06/2021

Aceito para publicação em 28/07/2021